

CARACTERIZAÇÃO GEOAMBIENTAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÍTIO ARRUDA EM ARARIPE-CE

Geoambiental Characterization of the Quilombola
Community Arruda Site in Araripe – Ceará, Brazil

Gilmara Matias de Sousa¹,
George Pimentel Fernandes¹

¹Universidade Universidade Regional do
Cariri - URCA

Resumo

O presente estudo objetiva fazer uma caracterização Geoambiental da Comunidade Quilombola Sítio Arruda em Araripe-CE, descrevendo o clima, o relevo, a vegetação e a hidrografia dessa área do município. Diante desse objetivo, fez-se uma busca no *Relatório Antropológico de Reconhecimento e Delimitação do Território da Comunidade Quilombola Sítio Arruda* e um levantamento bibliográfico, com a contribuição de dados retirados de sites de referência para esse assunto, como a *Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária*, o *Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará*, o *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística* e a *Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos*, aplicando técnicas de *Leitura Seletiva e Analítica*. O resultado obtido é caracterização geoambiental da referida comunidade, concluindo assim, que é um território que merece atenção, pois as condições geoambientais de clima, relevo, vegetação coadunam para um uso planejado dos recursos ambientais, em junção de uma adaptação cultural para a sobrevivência nessa área.

Palavras-chave: Zona de paisagem; Comunidade tradicional; Território quilombola.

Abstract

The aim of the present study was to perform a geoenvironmental characterization of the Sítio Arruda Quilombo Community in Araripe in the state of Ceará, Brazil, describing the climate, topography, vegetation and bodies of water in this area of the municipality. Using selective and analytical reading methods, a search was performed of the Anthropological Report of Recognition and Boundaries of the Sítio Arruda Quilombo Community and a bibliographic survey was conducted with the contribution of data from reference sites for this topic, such as the Brazilian Company of Livestock Research, Ceará Institute of Research and Economic Strategy, Brazilian Institute of Geography and Statistics and the Water Resource Management Company. Based on the findings, the community analyzed merits attention, as the geoenvironmental conditions (climate, topography and vegetation) require the planned use of environmental resources in conjunction with cultural adaptation for survival in this area.

Keywords: Landscape zone; Traditional community, Sítio Arruda, Quilombo territory.

Correspondência:

George Pimentel Fernandes
Universidade Regional do Cariri - URCA,
Brasil.
Email: pimentelcrato@gmail.com

Recebido em agosto de 2016
Aprovado em dezembro de 2016
Artigo disponível em
www.cadegeo.uff.br

INTRODUÇÃO

A ciência geomorfológica encontra na investigação da paisagem uma abordagem integradora e sistêmica do espaço geográfico, que envolvem as formas de relevo juntamente com solo, vegetação e seus processos dinâmicos, e atualmente as atividades antrópicas, enquanto cultura e sociedade, atuante junto à natureza (LIMA e RIBEIRO, 2012).

A paisagem é determinada como uma porção do espaço que resulta da combinação dinâmica e complexa dos elementos físicos, biológicos e antrópicos, formando um conjunto único e indissociável em contínua evolução, resultando em diversidade e heterogeneidade que compõem o espaço geográfico. Dessa forma, é possível estabelecer áreas com relativa homogeneidade a partir da análise das diversas interações entre os elementos rocha, solo, relevo, vegetação, uso e ocupação do solo e, em uma escala espacial significativa, inclui-se também o clima (SILVA et al, 2012).

Rodriguez e Silva (2002) utilizam a tipologia e a regionalização, como categorias de sistematização para classificar as paisagens, sendo a tipologia a distinção das unidades pela sua semelhança e repetição. E a regionalização é a determinação das unidades de paisagens pelos parâmetros de personalidade e individualidade, nesse caso, as categorias se complementam e tentam corresponder à realidade; como exemplo das distinções entre faixas, que condicionam diferentes paisagens de acordo com o umedecimento provocado pela quantidade e ritmo sazonal das precipitações atmosféricas.

Segundo a classificação adotada por Rodriguez e Silva (2002) o Ceará distingue-se nas seguintes zonas de paisagens, a citar: a zona semiárida, as secas ou áridas, as zonas sub úmidas no litoral, as úmidas nas serras e barlaventos, assim a unidade da tipologia das paisagens é usada para a distinção das faixas, que condiciona a determinação dos tipos de paisagens, distinguindo-se de acordo com o regime de temperatura, bem como, o caráter da circulação atmosférica e das massas de ar predominantes.

Assim, as faixas dividem-se em zonas de paisagens, que determinam a distinção de subtipos, de acordo com o regime de umedecimento, manifestado pela quantidade e ritmo sazonal das precipitações atmosféricas e intensidade dos processos biogeoquímicos.

O Ceará, na realidade, possui uma grande depressão separada por uma série de serras ou chapadas. Na maior parte dessa depressão, distribuem-se as paisagens da zona semiárida, já as paisagens secas (áridas) distribuem-se em bolsões dentro da depressão a oeste e a sudeste do Estado do Ceará e as paisagens sub úmidas distribuem-se principalmente no setor litoral (planície litorânea e tabuleiro) condicionada pela maior influência dos alísios que se formam também em algumas chapadas e territórios adjacentes situadas nos interiores do Estado. As paisagens úmidas formam-se nas serras e barlaventos, situadas próximas ao litoral e fortemente influenciadas pela ascensão dos alísios (RODRIGUEZ e SILVA, 2002).

O processo de identificar e mapear as diferentes formas de paisagens é de fundamental importância, pois, possibilita a análise integrada do sistema ambiental e promove um entendimento mais amplo das características do meio e da dinâmica ambiental, bem como, possibilita um melhor planejamento ambiental (SILVA et al,

2012). A determinação dos condicionantes físicos e biológicos do meio, que através da troca de energia e matéria modelam e favorecem o estado dinâmico de um local, é primordial para a compreensão de qualquer espaço a ser estudado, inclusive nas comunidades quilombolas (SILVA e SILVA, 2012).

A escravidão dos seres humanos remota dos primórdios da humanidade. As atividades econômicas da Antiguidade tinham como base o trabalho escravo, na Grécia os escravos constituíam mais da metade da população, na Roma o imperador Justiniano promulgou códigos legais que tratavam da escravidão e vigorou por anos. A igreja Católica declarava lícito possuir escravos, ela própria se tornou grande proprietária de escravos e a teologia cristã vinculava a cor negra ao pecado, ao diabo e a promiscuidade sexual, tal fato levou a disseminação do preconceito Europeu, que por serem brancos se julgavam superiores as outras raças, sentenciando a pele negra como sinônimo de escravidão, atividade que passou a ser considerada normal e a fazer parte da sociedade. Dessa forma os escravos africanos eram negociados em várias partes do mundo, desenvolvendo o comércio aurífero, a manutenção das feitorias, e a exitosa produção de açúcar. Esta última, por sua vez foi à atividade desenvolvida no Brasil, pelos os Portugueses que via no comércio de escravos e no açúcar sua tábua de salvação (CARVALHO, 2013).

O processo de escravidão se fragilizou quando a resistência do negro ao sistema escravista gerou fugas, sendo que os escravos fugitivos se organizavam em lugares rurais de difícil acesso, isolados e clandestinos, dando origem a comunidades rurais negras denominadas quilombos, que se caracterizam pelo grupo étnico exposto a vulnerabilidade social (RANGEL, 2014).

A palavra quilombo tem origem na língua bantu ('Kilombo') e na etimologia quer dizer acampamento guerreiro na floresta. Os quilombos de pequeno porte eram caracterizados por ter grupos armados, enquanto o quilombo de grande porte tinha formas próprias de organização como governo, religião, família e economia. Para os quilombos crescerem eram necessárias condições geográficas favoráveis, como: isolamento, terras férteis e possibilidade de recrutar novos membros (RANGEL, 2014).

Atualmente, as comunidades remanescentes de quilombos são tidas como comunidades tradicionais, e constitui a imensa diversidade cultural da humanidade. Seus saberes coletivos são transmitidos de geração em geração, constituindo assim, uma fonte de riqueza imensurável, pois o conhecimento tradicional é resultado de muitos anos de vivência, e serve para a comunidade relacionarem-se com a natureza extraindo dela medicamentos, alimentos, rituais e práticas culturais (DAVIES e KASSLER, 2015).

Desse modo o conhecimento que as comunidades tradicionais possuem é um patrimônio, transmitido pela oralidade e pelos sistemas Inter geracionais, apresentando peculiaridade em virtude de estarem associados às riquezas da biodiversidade e também por sua cultura e o modo de vida sustentável (ELOY et al, 2014).

Assim, o conhecimento tradicional é aliado à preservação do meio, a tal ponto que, pensar na proteção dos conhecimentos tradicionais é pensar em estratégias de conservar a biodiversidade e um meio ecologicamente equilibrado. Assim curandeiros, raizeiros, benzedeiros, pajés são designados como especialistas nas comunidades locais por que detém os conhecimentos sobre o mundo que os cercam, e sobre as ervas medicinais ou porções mágicas que trazem conhecimentos

imemorais e apresentam uma relação estreita com a conservação da biodiversidade, uma vez que os recursos que utilizam se mantem até hoje (ELOY et al, 2014).

A comunidade remanescente de Quilombos Sítio Arruda em Araripe/CE é detentora de uma cultura particular que o difere das outras comunidades, pois, possui um conhecimento tradicional que possibilita classificar seu ambiente de paisagem. Além disso, possuem costumes e tradições próprias que passam por gerações sucessivas, e também formas particulares de preservação e uso dos recursos da biodiversidade que contribui para um equilíbrio ecológico. Portanto, faz-se necessário registrar como a referida comunidade classifica sua paisagem, bem como, evidenciar o respeito dos quilombolas pelos recursos naturais do seu meio.

Nessa perspectiva, esse estudo objetiva fazer uma caracterização Geoambiental da Comunidade Quilombola em Araripe-CE, descrevendo o clima, o relevo, a vegetação e a hidrografia dessa área no município, segundo o conhecimento dos quilombolas da referida comunidade.

METODOLOGIA

Área de Estudo

O Município de Araripe originou-se no ano de 1875 pela a Lei provincial de número 1.661 de três de agosto do mesmo ano. A Toponímia é Proveniente da denominação da chapada do Araripe, onde o município está localizado e significa, no idioma tupi, lugar onde o dia começa. O município está localizado no sul do Estado do Ceará com coordenadas geográficas 7°12'45''S e 40°02'46''W, e área absoluta de 1347,047 Km², tendo como limítrofes ao Norte o município de Potengi, ao sul com o Estado de Pernambuco, ao Leste com Santana do Cariri, e ao Oeste com o município de Salitre (IPECE, 2014).

A comunidade quilombola do Sítio Arruda fica localizada na zona rural no município de Araripe/CE a aproximadamente 17 km do centro da cidade, com Latitude de 7° 11' 44,37''N e Longitude de 40° 15' 23,76''O (figura 1). As famílias quilombolas são provenientes do Sítio Coqueiro, lugar que lhes foi dado o processo de escravidão. Depois de certo tempo migraram para um local denominado Bolandeira dos Estevãos que atualmente se chama Sítio Arruda, terra essa adquirida por meio de compra, terras utilizadas pelos os quilombolas para moradia e para práticas agrícolas (MARQUES, 2010).

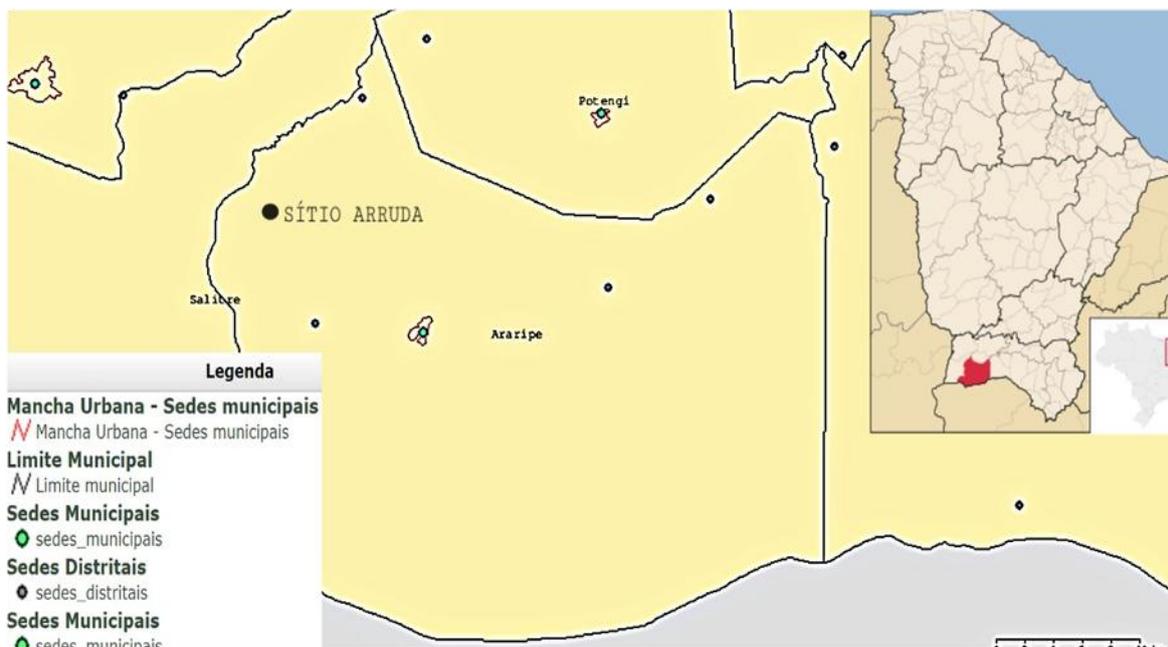


Fig. 1: Localização do Município da Comunidade quilombola Sítio Arruda em Araripe-CE.
Fonte: IPECE, 2015.

Análise dos dados

Diante do objetivo exposto, inicialmente, foi feito uma busca dos dados geoambientais nos sites da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos (COGERH). Os documentos encontrados não mencionavam nenhuma característica geoambiental do Sítio Arruda, sendo necessário aplicar em cada documento dois tipos de leitura para se extrair as informações que eram úteis à pesquisa; uma Leitura Analítica e uma Leitura Seletiva. A primeira, a Analítica, é uma leitura globalizada do significado do texto e cientificamente conduzida, aborda o texto como um todo e visa à compreensão exhaustiva e a apreensão da informação (SEVERINO, 2014). O segundo tipo de Leitura, a Seletiva, almeja selecionar informações fundamentais que interessa à pesquisa e segundo Diniz e Silva (2008) a Leitura Seletiva é a maneira de selecionar no texto as informações que realmente importa para a pesquisa. As informações, por sua vez, foram confrontadas com o Relatório Antropológico de Reconhecimento e Delimitação do Território da Comunidade Quilombola Sítio Arruda, elaborado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, INCRA, levando assim ao que se propõe o objetivo do referido estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A comunidade quilombola do Sítio Arruda fez seu auto reconhecimento como quilombolas, em 27 de novembro de 2007, se reunindo em assembleia geral, tendo reconhecimento de utilidade pública pela lei municipal de número 853/2008. E no ano anterior, em 12 de abril de 2006, a comunidade do Sítio Arruda criou a Associação comunitária, lugar usado pelos quilombolas para se organizar e lutar pelas melhorias para a comunidade.

A comunidade é habitada por 34 famílias e 151 moradores que praticam agricultura de subsistência, a água que os quilombolas utilizam é proveniente das cisternas de placa, cada moradia conta com luz elétrica e na comunidade tem uma escola de ensino infantil, porém a localidade não conta com unidade de saúde, motivo esse que a solução dos problemas de saúde se dar através da medicina popular baseada em ervas medicinal, garrafadas, benzedadeiras, curandeiros e outras práticas populares (MARQUES, 2010).

A comunidade quilombola Sítio Arruda dispõe de um vasto conhecimento, que se encontra registrados no Relatório Antropológico de Reconhecimento e Delimitação do Território da Comunidade Quilombola Sítio Arruda e ao fazer a análise do referido relatório resultou em dados que foram confrontados com os achados retirados dos sites da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos (COGERH), resultando na tabela 1 que compara as características Geoambiental da Comunidade Quilombola Sítio Arruda, com as características do Município Araripe.

Tabela 1- Características Geoambiental da Comunidade Quilombola Sítio Arruda, segundo nomenclatura local.

	Município Araripe	Comunidade Quilombola Sítio Arruda. (Segundo nomenclatura local).
Clima	Tropical Quente semiárido com pluviosidade de 633,4 mm anuais.	Paisagem da zona seca com precipitação anual entre 500 a 700 mm
Relevo	As Depressões Sertanejas, e a Chapada do Araripe.	Parte do relevo é plano e seco, outra parte é suavemente ondulada existindo uma planície pluvial.
Solo	Os Neossolos Litólicos, Latossolo Vermelho-Amarelo, os Argissolos vermelhos amarelos e Nitossolos.	Solos da Zona de Paisagem, Solos da zona de Baixio, e solos da zona do Sertão.
Vegetação	Carrasco, Floresta Caducifólia Espinhosa e Floresta Tropical Subcaducifólia.	Vegetação de floresta, vegetação de vazante, e vegetação de cantiga.
Hidrografia	Drenagem feita pelo médio-alto curso da bacia do rio Jaguaribe	Não existe nenhuma fonte de água natural e o abastecimento é feito com de cisternas de placas

Segundo o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) O clima do município de Araripe é classificado como Tropical Quente semiárido, com pluviosidade de 633,4 mm anuais, e a temperatura variando entre 22°C a 24°C, com período chuvoso de janeiro a maio sendo equivalente ao clima da comunidade quilombola Sítio Arruda (vide tabela 1), que pelos dados referentes ao clima, se

enquadra na paisagem da zona seca, pois apresenta precipitação anual entre 500 mm e 700 mm, com oito a dez meses secos. Isso proporciona solos rasos, pedregosos, e com pouca matéria orgânica e nutriente, condicionando uma vegetação de caatinga arbustiva aberta e adaptada às condições de extremo xerofitismo (RODRIGUEZ e SILVA, 2002).

Hodiernamente, essas características ficam notórias quando os quilombolas classificam seu ambiente natural em três unidades de paisagem: zona da chapada de solo arenoso, zona de baixio de terras férteis e zona de sertão de terra mais seca e solo avermelhado.

As três áreas são utilizadas para práticas agrícolas pela comunidade. Na área da chapada são encontradas plantas nativas que conforme a nomenclatura dos quilombolas tem-se: jatobá, pitombeira, mamoeiro, cedro, marmeleiro, entre outras.

Na área de baixio são encontradas espécies de plantas de uso medicinal e na área do sertão as espécies mais encontradas segundo a nomenclatura da comunidade são: marmeleiro, unha de gato, aroeira, mororó, angico e canafístula. A fauna é abundante sendo encontradas inúmeras espécies de mamíferos, aves, répteis, anfíbios e insetos. Sendo o saber tradicional evidenciado no plantio de roças e a parti da observação dos fenômenos naturais, onde os quilombolas preveem os sinais de chuva, porém segundo os quilombolas fica difícil preverem tais fenômenos em virtude do desmatamento e devastação ocorrida nos últimos tempos (MARQUES, 2010).

Rodriguez e Silva (2002) determinam os critérios que condicionam a determinação de tipologias de paisagens e a distribuição das faixas, sendo a temperatura, a circulação atmosférica e as massas de ar determinantes dos subtipos de paisagem e se distinguem de acordo com o umedecimento, notados pelo o ritmo sazonal das precipitações atmosféricas.

O relevo do município de Araripe se caracteriza por dois tipos, assim denominados: As Depressões Sertanejas, e a Chapada do Araripe. A depressão sertaneja se posiciona em cotas que variam de 250 a 550 metros, com uma porção mais interiorana, inserindo entre as depressões interplanálticas semiáridas do Nordeste Brasileiro. Nessa área predominam solos poucos desenvolvidos, rasos, pedregosos ou rochosos, podendo ser também cascalhentos por ter veias de quartzo na matriz do material originário, como também pela maior resistência ao intemperismo e a erosão superficial.

Os quilombolas, da comunidade Sítio Arruda, percebem essas características do relevo ao mencionar que parte do relevo é plano e seco, nesse caso, compreende as depressões sertanejas e outra parte é suavemente ondulada existindo uma planície pluvial, essa é a área da chapada do Araripe.

Segundo Brandão e Freitas (2014) a chapada do Araripe possui uma vasta superfície cimeira alçada em cotas em torno de 800 e 950 metros, com delimitação dos flancos e escarpas festonadas e em contato com a depressão cariri ao leste. A formação basal da chapada do Araripe compõe-se de arenito de granulação grossa a média, e com intercalações calcíferas, silticas e conglomeráticas.

Na Formação Santana tem folhelhos e rochas calcíferas fossilíferas que se associam com calcários laminados, siltitos, calcarenitos e gipsita, todos marcados por uma acentuada variedade de fósseis. A Formação Exu mantém a superfície da chapada com um arenito vermelho amarelado de granulação média a grosseira, com níveis conglomeráticos e intercalações de siltitos.

A chapada do Araripe é dotada de elevada taxa de porosidade e permeabilidade, fato que leva a uma infiltração das águas precipitadas que alimentam os aquíferos e que têm ressurgências na região do Cariri. Os solos que compõe a chapada são solos rasos com muita pedregosidade e baixa fertilidade natural, possuindo os Latossolos no topo com um pouco a mais de profundidade, nas encostas ocorre o Argissolos e os Neossolos Litólicos possuindo fertilidade natural media a alta (BRANDÃO e FREITAS, 2014).

O solo do município de Araripe é classificado em quatro tipos diferentes: os Neossolos Litólicos, Latossolos Vermelho-Amarelo, os Argissolos vermelho-Amarelos e Nitossolos. Ao fazer um paralelo com a comunidade quilombola Sítio Arruda pode-se inferir que na zona de paisagem, classificada por os quilombolas como área da chapada, predomina os Neossolos Litólicos, que é denominado pelos quilombolas de solo arenoso, e um revelo plano e seco de vegetação caatinga, unidade de paisagem utilizada pelos quilombolas para a construção de suas moradias e para o cultivo de roçado, bem como para caça e retirada de madeira para a construção das moradias.

Na zona de paisagem denominada área do Sertão são encontrados os Argissolos Vermelhos amarelos, solo esse denominado pelos quilombolas de terras avermelhada e clima seco. E na zona de paisagem, área do Baixio, predomina os Latossolos Vermelho-Amarelos e os Nitossolos, esses últimos os quilombolas chamam de terra escura e área de vazante, nessa unidade de paisagem os quilombolas praticam a agricultura e dão destaque ao clima úmido da referida área.

Os Neossolos Litólicos são solos rasos, compostos por material mineral, ou por matéria orgânica pouco espessa, e devido à baixa atuação de processos pedogenéticos não possuem alterações expressivas, e não apresentam horizontes B diagnosticados (JACOMINE, 2009).

O caráter litóide fica aproximadamente 50 cm de profundidade. A textura areno-quartzona deixa o solo susceptível à erosão em razão da declividade em colinas, ocorrendo menos em áreas planas e em relevos ondulados ou montanhosos, e como possuem o contato lítico próximo à superfície isso proporciona o escoamento superficial da água (SARTORI, et al 2005).

Os Latossolos Vermelho-Amarelos são solos muito profundos, com profundidade acima de 200 cm, ou simplesmente profundos, entre 100 cm a 200 cm, tendo assim uma alta taxa de infiltração e resistência a erosão. A porosidade é alta com textura média, essa que é argilosa e proporciona uma microporosidade no solo (MARQUES, et al 2014). Os Latossolos apresentam um avançado estado de intemperismo, são evoluídos, constituídos de material mineral com horizonte B, não possuem minerais primários ou secundários resistentes ao intemperismo e tem boa capacidade de troca de cátions por argila (JACOMINE, 2009).

Os Argissolos vermelho-amarelos são solos minerais, não hidromórficos, com uma individualização de horizontes distintos, a diferença em textura é acentuada tanto na cor como na estrutura (SARTORI et al, 2005). Os Argissolos possuem a presença de horizonte B abaixo de qualquer tipo de horizonte superficial e textura de argila de baixa atividade, possuem uma transição abrupta, clara ou gradual, com profundidade variável e pode ser bem ou mal drenados e ter cores variadas (JACOMINE, 2009).

Os Nitossolos têm solos compostos por material mineral, possuem nítico juntamente com argila de baixa atividade, possuem alta porosidade e devido a esse fato apresentam boa drenagem com moderado poder de erosão (SARTORI et al, 2005). Esses tipos de solos possibilitam classificar a vegetação do município de

Araripe/CE nas seguintes formações: Carrasco, Floresta Caducifólia Espinhosa e Floresta Tropical Subcaducifólia (IPECE, 2014).

Em analogia com o Sítio Arruda, os quilombolas classificam a vegetação em três tipos distintos: vegetação de floresta, vegetação de vazante, e vegetação de caatinga. A equivalência dessas formações vegetais é assim empregada: a vegetação de floresta refere-se à Floresta Tropical Subcaducifólia, a vegetação de Vazante compreende a Caducifólia Espinhosa, e o Carrasco com características bem acentuadas da caatinga que está na área do sertão.

Dados do IBGE (2012) revelam que a flora do Carrasco é semelhante à caatinga caducifólia e apresenta uma variabilidade florística maior, sendo endêmica do planalto da Ibiapaba e chapada do Araripe. Já em conformidade com Araújo (et al, 1999) o carrasco é uma vegetação xerófila de domínio do semiárido brasileiro, é arbustiva densa e ainda é pouco conhecida, ocorre principalmente em areias quartzosas profundas entre 700m e 900m de altitude, sendo comum no planalto da Ibiapaba e na Chapada do Araripe sobre solos pedregosos, assim como ocorre com alguns tipos de caatingas. Nessa formação vegetal as espécies mais comuns no território quilombola de nomenclatura local são: marmeleiro, unha de gato, pereiro, mororó, angico, aroeira e canafístula (MARQUES, 2010).

Segundo o IBGE (2012) a Floresta Caducifólia Espinhosa tem como principal característica o desprovemento de folhagem em períodos desfavoráveis para sobrevivência, sendo mais de 50% com perda de folhagem. Podem existir em diferentes áreas descontínuas abertas como o cerrado e a caatinga do sertão árido, sendo espécies de destaque da formação vegetal de nomenclatura local, na comunidade quilombola Sítio arruda, o pau d'arco, cajueiro, mangueira, piquiá, cipaúba, cedro, jacarandá, pitombeira, mamoeiro e jatobá (MARQUES, 2010).

A Floresta tropical Subcaducifólia ocorre em clima estacional o que provoca a semidecuidade da folhagem, em regiões tropicais pode estar associado também a acentuadas secas hibernais seguidas por intensas chuvas no verão. As folhas das árvores dessa formação vegetal são compostas por fanerófitos com gemas foliares protegidas por escamas secas e as adultas são esclerófilas decíduais. A ocorrência se dá em lugares caracterizados por possuir dois climas: um úmido e outro árido, a exemplo da região nordeste, com ocorrência em terras baixas ou em depressão sedimentares (IBGE, 2012).

A drenagem do município de Araripe é representada pelo médio-alto curso da bacia do rio Jaguaribe (BRANDÃO e FREITAS, 2014), essa que por sua vez, é proveniente do Alto Jaguaribe, que fica localizado a montante do açude de Orós/CE e compreende uma área de drenagem de 24.639 km², que corresponde a 16,56% do território cearense, compondo 24 municípios e com capacidade de acumulação de águas superficiais de 2.792.563.000 bilhões de m³, totalizando 18 açudes públicos monitorados em qualidade e quantidade pela a Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos (COGERH, 2015).

A bacia do Alto Jaguaribe tem como afluentes os rios de Jucá, rio dos Bastiões, o Riacho da Conceição e outros. Em contrapartida não existe nenhuma fonte de água natural no território da comunidade Quilombola Sítio Arruda, como rios, riachos, açudes, desse modo à comunidade conta com o abastecimento de cisternas de placas com captação de água provinda da chuva pelo telhado das moradias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se com o estudo que a caracterização geoambiental proporciona ao pesquisador se alicerçar nos fatores físicos, químicos e biológicos do meio para promover um diagnóstico mais preciso da pesquisa, possibilitando um entendimento amplo dos porquês das causas ambientais e quais as interferências antrópicas que podem ser feitas para beneficiar a vida. Conclui-se também que o conhecimento que os quilombolas, da comunidade Sítio Arruda, detêm é proveniente das experiências advindas da vivência no seu ambiente próprio de paisagem e que o conhecimento tradicional dos quilombolas sobre o ambiente de paisagem se assemelham aos registros dos órgãos estaduais referenciados nesse estudo. Sendo perceptível que os quilombolas possuem uma nomenclatura própria ao associarem os elementos de paisagens entre si, e ao se referirem à caracterização geoambiental da sua comunidade atribuí os nomes locais já então predefinidas por eles.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, F. D.; MARTINS, F. R.; SHEPHERD, G. J. Variações estruturais e florísticas do carrasco no planalto da Ibiapaba, estado do Ceará. *Revista Brasileira de Biologia*, 59, n. 4, 663-678, 1999.
- BRANDÃO, R. D. L.; FREITAS, L. C. B. Geodiversidade do estado do Ceará. 1ª. ed. Fortaleza: CPRM, v. I, 2014.
- BRANDÃO, R. D. L.; FREITAS, L. C. B. Geodiversidade do Estado do Ceará- Programa Geologia do Brasil Levantamento da Geodiversidade. *Revista geológica Brasil*, 40-58, 2014.
- CARVALHO, E. Notas para a história dos municípios de Araripe, Saboeiro e Assaré no século XIX. 1ª. ed. Juazeiro do Norte: BSG, v. I, 2013.
- COGERH, C. D. G. D. R. H. Portal hidrológico do Ceara. Cogerh, 2015. Disponível em: <<http://portal.cogerh.com.br/>>. Acesso em: 20 Novembro 2015.
- DAVIES, L. F.; KASSLER, M. S. apropriação ambiental no sistema de patentes biotecnológicas e a perspectiva de inclusão dos conhecimentos tradicionais como direito. *Revista Eletrônica Direito e Política*, Itajaí, 10, n. 1, 50-67, 2015.
- DINIZ, C. R.; SILVA, I. B. D. Metodologia científica. 1ª. ed. Campina Grande: UEPB/UFRN - EDUEP, v. I, 2008.
- ELOY, C. C.; ET AL. Apropriação e proteção dos conhecimentos tradicionais no Brasil: a conservação da biodiversidade e os direitos das populações tradicionais. *Revista Gaia Scientia*, 8, n. 2, 60-77, 2015.
- IBGE, I. B. D. G. A. E. E. Manuais técnicos em geociências. 2ª. ed. Rio de Janeiro: IBGE, v. I, 2012.
- IPECE, I. D. P. E. E. E. D. C. IPECE – Perfil Básico Municipal 2014. 1ª. ed. Fortaleza: SEPLAG, v. I, 2014.
- JACOMINE, P. K. T. A Nova Classificação Brasileira de Solos. *Anais da Academia Pernambucana de Ciência Agrônoma*, Recife, 161-179, 2009.
- LIMA, G. G. D.; RIBEIRO, S. C. Geomorfologia e Paisagem do Município de Juazeiro Do Norte/CE: Relações entre a Natureza Semi-árida e os Impactos Antrópicos. *Revista Geonorte, Edição Especial*, 2, n. 4, 520 – 530, 2012.
- MARQUES, F. A. et al. Solos do Nordeste. 1ª. ed. Recife: EMBRAPA, v. I, 2014.
- MARQUES, J. D. G. Relatório Antropológico de reconhecimento e delimitação do território da Comunidade Quilombola Sítio Arruda. INCRA. Fortaleza, 2010.

- RANGEL, D. L. D. O. Aspectos ambientais, sociais e a saúde em território Kalunga no Estado de Goiás, em 2012. Faculdade de Ciências da Saúde, UnB. Brasília, 2014.
- RODRIGUEZ, J. M. M.; SILVA, E. V. D. A Classificação das Paisagens a partir de uma visão Geossistêmica. Mercator - Revista de Geografia da UFC, Fortaleza, 95-112, 2002.
- SARTORI, A.; NETO, F. L.; GENOVEZ, A. M. Classificação Hidrológica de Solos Brasileiros para a Estimativa da Chuva Excedente com o Método do Serviço de Conservação do Solo dos Estados Unidos Parte 1: Classificação. Revista Brasileira de Recursos Hídricos, 09 Out 05-18, 2005.
- SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 1ª. ed. São Paulo: Cortez editora, v. I, 2014.
- SILVA, J. M. O.; SILVA, E. V. D. Análise Geoambiental do baixo curso da Bacia Hidrográfica do Rio Pirangi – CE. Revista Geonorte, Edição Especial, 3, 593-605, 2012.
- SILVA, L. C. L. D. et al. Análise Da Paisagem A Partir Da Estratificação Ambiental: Estudo Da Bacia Do Córrego Maria Casimira – André Do Mato Dentro/MG. Revista Geonorte, Edição Especial., 3, 518-529, 2012.